

AUGUSTO, O AUGUSTO*

Luis Turiba*

Em memória de Haroldo de Campos

Sou um Poeta, e bebo vida
Como os homens menores
bebem vinho. (Ezra Pound,
tradução de Augusto de Campos).

Saudade. Palavra da Língua Portuguesa única e concreta que se anima em nossa pele ao desfazer-se em lágrimas rosto abaixo. Do universo dos signos, escolhi esta palavra – escrita com letra futura bold, sem serifa e sem adornos, para definir meus sentimentos-sensações em relação à exposição Augusto de Campos – poemas, publicações, manuscritos, vídeos e gravações. Deixo a sala de exposições da Fundação Casa de Rui Barbosa, no histórico bairro de Botafogo, abençoado pelo Cristo Redentor, com uma confusa certeza de que o futuro foi ontem.

A exposição pulsa uma aventura estética de linguagem da mais intensa voltagem. Há história e algo transcendental no ar. Há um curto-circuito estético que nos impulsiona para frente, para as novas linguagens, para os novos suportes tecnológicos, para as novas redes de comunicação, para os novos desafios poéticos, éticos e, porque não, existenciais. Tudo com muita elegância, como é a trajetória do poeta.

“Onde quer que você esteja: em Marte ou Eldorado.” Não, não importa. Estou em Botafogo, no final do ano de 2004, início do século XXI, num casarão histórico do Ministério da Cultura. Aqui morou Rui Barbosa, um dos endereços mais significativos da cultura brasileira.

A presença da saudade em minha cabeça-corção, diante desta galáxia de mágicas palavras, é intrigante. Lembro uma citação, se não me falha a memória de Hanna Arendt: “A profundidade não pode ser alcançada pelo homem a não ser pela recordação.” Nossa, será que estou sob um surto saudosista ao sair de uma exposição de conteúdo futurista? Chega de Saudade. Viva o Balanço da Bossa Nova, irmã musical da Poesia Concreta.

Revisito a expo-obra pela terceira vez. Recomendo: lá irei quantas vezes for possível. Me faz gosto, me embriaga, alegra os sentidos, umedece os olhos e ativa as correntes criativas. Proponho que a expo-concreta tenha longa vida. Ao sair da FCRB pouse suas asas, quem sabe, no Palácio Capanema, centro do Rio de Janeiro e ícone da moderna arquitetura brasileira. Este prédio possui um ambiente astral e histórico que dialoga de frente com o Concretismo.

Bem, mas se lá não for possível, que seja remontada na Biblioteca Nacional, onde poderá ser vista-visitada por muito mais gente, jovens, estudantes, escriturários, pessoas comuns, do povo, que merecem provar deste biscoito fino.

* Ensaio recebido em janeiro de 2005

* Ver depoimento do autor na p. 27.

Depois, mantenha-se a exposição uma para que ela siga rumo a Paris, na Saison 2005 –o Ano do Brasil na França. E adiante, em 2006, para a Copa da Cultura na Alemanha. Merece ganhar o mundo esse conjunto de poemas da mais importante vanguarda brasileira do século passado.

Na sua trajetória, são nítidas as inúmeras parcerias, colaborações e interligações poéticas de Augusto, tanto no Brasil como no mundo. A aventura da Poesia Concreta conversou e influenciou, sem fazer concessões, com muitas correntes da moderna poesia brasileira. Criou conexões, multiplicou-se. Nós, poetas de Brasília, também tivemos um intenso diálogo com ele, colaborador militante da revista Bric-a-Brac. Essa graça foi facilitada pelo fato de Augusto vir muito à cidade, sempre ao lado de Lygia Campos, visitar o filho Roland de Azeredo Campos, morador da capital e professor de Física da UnB, e sua neta Raquel, à qual ele se referia carinhosamente como “o mais belo poema concreto”.

Roland, também poeta experimental, editou, entre outros artefatos, o livro *Arteciência – afluência de signos co-moventes*, uma viagem poética científica. Cid Campos, o filho mais novo, músico, maestro, é o grande parceiro do pai no espetáculo Poesia Risco, que também foi apresentado em Brasília, em frente à Livraria Presença, no Conic, quando estava sendo germinado.

Pois bem: Bric-a-Brac, nos seis intensos anos de vida, contou com a força renovadora de Augusto. Na expo temos um pequenino pedaço da nossa amizade e carinho. Refiro-me à foto do poeta ao lado de John Cage, feita pela fotógrafa brasiliense Milla Petrillo e publicada na Bric nº 2. Também estão expostas as páginas tão bem desenhadas pelo Resa, para o trabalho *Poemas das*

palavras desconhecidas. Esta intrigante decodificação da poesia russa, por sinal, mereceu comentários do fotógrafo-babalorixá franco-baiano Pierre Verger e terminou por aproximar ambos.

Mas voltemos à exposição. Agora, sim, sinto que tomei intimidade com os espaços desse gigantesco poema-vivo. Já sei, por exemplo, onde está aquela maravilhosa foto feita na exposição de Poesia Concreta em Salvador, onde aparecem – lindos, divinos – entre outros, Caetano Veloso, Antônio Risério, Tuzé de Abreu, Erthos Albino e o sociólogo Fernando Barros.

Paro, leio e releio o poema que João Cabral de Melo Neto lhe dedicou:

A AUGUSTO DE CAMPOS

Ao tentar passar a limpo,
refazer, dar mais decoro
ao gago em que falo em verso
e em que tanto me rechovo,
pensei que de toda a gente
que a nosso ofício ou esforço,
tão pra nada, dá-se tanto
que chega quase ao vicioso,
você, cuja vida sempre
foi fazer/catar o novo
talvez veja no defunto
coisas não mortas de todo.

Você aqui reencontrará
as mesmas coisas e loisas
que me fazem escrever
tanto e de tão poucas coisas:
o não-verso de oito sílabas
(em linha vizinha à prosa)
que raro tem oito sílabas,

pois metrifica à sua volta;
a perdida rima toante
que apaga o verso e não soa,
que o faz andar pé no chão
pelos aceiros da prosa.

Nada disso que você
construiu durante a vida;
muito aquém do ponto extremo
é a poesia oferecida
a quem pode, como a sua,
lavar-se da que existia,
levá-la à pureza extrema
em que é perdida de vista;
ela que hoje da janela
vê que na rua desfila
banda de que não faz parte,
rindo de ser sem discípula.

Por que é então que este livro
tão longamente é enviado
a quem faz uma poesia
de distinta liga de aço?
Envio-o ao leitor contra,
envio-o ao leitor maugrado
e intolerante, o que Pound
diz de todos o mais grato;
àquele que me sabendo
não poder ser de seu lado,
soube ler com acuidade
poetas revolucionados.

(de Agrestes)

Já que estamos falando de versos, Augusto,
permita-me lembrar este, de Vladimir Maiakovski,
tão constante no seu repertório de traduções:

Eu
À poesia
Só permito uma forma:
Concisão,
Precisão das fórmulas
Matemáticas.
Às parlengas poéticas estou acostumado,
Eu ainda falo versos e não fatos.
Porém
Se eu falo
“A”
este “a”
é uma trombeta-alarme para a
Humanidade.
Se eu falo
“B”
é uma nova bomba na batalha do homem

(Vladimir Maiakovski,
tradução Augusto de Campos)

Em conversa com o presidente da FCRB,
José Almino de Alencar, sobre a importância dessa
exposição, ele filosofou com sabedoria iluminada,
citando Vladimir Jankelévitch:

“O que foi jamais deixará de ser. O que
aconteceu não pode deixar de existir
nunca mais.”

Assim é a obra espelhar deste poeta do
bairro dos Perdizes. Aliás, da Casa das Rosas,
onde o performático José Roberto Aguilar criou um
espaço para as linguagens multimídia de
vanguarda, e Augusto foi um dos principais
participes, para a tradicional Casa de Rui Barbosa
que tão carinhosamente abrigou essa exposição. A

sensação que temos, ao entrarmos no ambiente verbocovisual, é a de que estamos num mágico universo cósmico de palavras e sentidos para nossos intelectos. No tapete de entrada está o poema circular “SOS”. No teto, letras estelares bordam outro poema. Mas, afinal, onde estamos para enxergar tantas “borboletas”, parafraseando Gilberto Gil.

Há quase 55 anos – desde “O Rei Menos o Reino”, de 1950 – Augusto trabalha construindo estes poemas borboletas. Há um permanente espelhar crescente e caleidoscópico de suas mensagens construídas artesanalmente, no início com simples letras Sets, e agora em calibrados Macintosh.

É o poeta e compositor tribalista Arnaldo Antunes quem identifica este movimento de ecos linguísticos e plásticos na obra de Augusto. O comentário está na apresentação do livro *NÃO poemas*, também exposto amplamente na FCRB:

Semsaída lembra *Tudoestádito* (1974), pelo que diz, assim como pela forma de decifração que impõe para que se chegue ao que diz. E também pela livre disposição das frases, que podem ser lidas em diferentes ordens. Em *Tudoestádito*, esse caráter lúdico se evidenciava especialmente na versão da *Caixa Preta*, de Júlio Plaza e Augusto (1975), onde o poema vinha impresso em seis folhas permutáveis. *Semsaída* convida o jogo misturando as frases num labirinto, onde se pode entrar a partir de diferentes direções.”

E prossegue Arnaldo: “Reverberações como essa são comuns no trabalho de Augusto de Campos – poemas que parecem comentar ou completar, com intervalos de anos, uns aos outros.”

Pensando bem, pode até parecer paradoxal que a FCRB tenha montado esta extraordinária expo-linguagem. Conversar com as vanguardas está na pauta do MinC e, hoje, esta

fundação vem se dedicando profundamente à memória dos escritores e poetas brasileiros. Construir o Museu da Literatura é um dos seus projetos prioritários. E José Almino tem consciência de que essa missão só será possível começando pelos acervos e dialogando com os escritores e poetas contemporâneos.

A opção por uma mostra bem representativa da obra de Augusto de Campos, sem dúvida um dos mais importantes poetas brasileiros dos últimos 50 anos – ao lado de João Cabral de Melo Neto, Carlos Drummond, Haroldo de Campos e Manuel de Barros – mereceu uma dedicada curadoria e organização por parte de Flora Sússekind e Júlio Castanõn Guimarães.

É... de certa forma, tudo isso faz sentido. Abençoado pelo Cristo Redentor, que de braços abertos, colete à prova de balas e um discreto sorriso para o bairro de Botafogo, saúda, lá do alto do morro do Corcovado, a parceria de Augusto com Rui Barbosa, materializada em uma edição de *La divina commedia*, de Dante Alighieri, precioso incunábulo impresso por Nicholo di Lorenzo Della Magna, em Florença, no ano de 1481 – portanto, 19 anos antes do Brasil ter sido descoberto pela galera de Pedro Álvares Cabral.

Esta edição do pai da língua italiana é acompanhada de uma belíssima tradução de trechos da *Divina comédia*, feita por Augusto. A idéia de expor o livro, concreto, brilhante, impregnado de histórias em suas páginas, teve um significado especial: jogou a poesia de Augusto de Campos no livro maior universal, aquele que vem sendo escrito por todos os grandes poetas da história da Humanidade.

Segundo comentário dos organizadores, a edição da *Divina Comédia* pertenceu a Salvador de

Mendonça, cuja família, após a sua morte, ofereceu a Rui Barbosa.

“O incunábulo contém 19 estampas em cobre, sendo as duas primeiras impressas no texto e as outras em folhas separadas e coladas. As duas primeiras são originais, gravadas por Baccio Baldini, segundo os desenhos de Sandro Botticelli, e as demais fac-similares. Trata-se, ainda, da primeira edição do comentário do erudito Christophoro Landino. Está entre os mais antigos livros ilustrados com figuras em talho doce, havendo autores que consideraram esta a primeira obra na qual esse processo de gravura teria sido empregado.”

Ou seja: Augusto, Rui Barbosa e Dante Alighieri. Nada mal...

Acompanham a expo um catálogo com 20 textos-poemas e um livro: *Sobre Augusto de Campos*, 400 páginas, organizado por Flora Süssekind e Júlio Castañon. São ensaios, estudos, críticas, análises e dicas sobre o ofício “silencioso” do pulsar quase mudo do poeta que antecipou em seus desafios espaciais as novas mídias com multileituras digitais.

“Este livro procura responder a uma lacuna bibliográfica verdadeiramente espantosa, tendo em vista as suas cinco décadas de atividade poética e crítica: a ausência de estudos críticos mais alentados sobre a obra de Augusto de Campos. Responde, igualmente, de soslaio, a um movimento surdo, pseudoconsensual, de rejeição cultural à tradição da vanguarda e às práticas artísticas experimentais, perceptível na vida literária brasileira, hoje”, explica Süssel nd.

Fala-se muito em tensões na obra de Augusto. Vejo nela suavidade, ternura, amor, entrega, inquietude, generosidade e até certa

sensualidade, como as traduções do poeta inglês John Donne e nos belíssimos poemas “Lygia fingers” e “Paraíso pudendo”.

É Augusto, merecida homenagem.

E assim, a gestão do ministro poeta-cantor Gilberto Gil está cumprindo, por intermédio da exposição dos poemas de Augusto de Campos na FCRB, a proposta contida em seu discurso de posse de fazer do Ministério da Cultura também “o espaço da experimentação de rumos novos. O espaço da abertura para a criatividade popular e para as novas linguagens. O espaço da disponibilidade para a aventura e a ousadia. O espaço da memória e da invenção.

Nota da Editora

A revista *Poesia Sempre*, ano 12, número 19, dez 2004, lançada em 23 de fevereiro de 2005, apresenta amplo dossiê sobre Augusto de Campos.